

Ao mestre, com espinho

Prof. Ricardo Madureira

Brás Cubas, o narrador-personagem de “Memórias Póstumas...”, criação de Machado de Assis, faz, num capítulo de suas reminiscências de além-túmulo, uma homenagem a seu velho professor, o Sr. Ludgero Barata, lembrando a peraltice que ele — Cubas — aprontava, quando menino, contra o mestre, a qual consistia em deixar, às escondidas, uma barata morta entre seus pertences, só por causa do sobrenome do professor. O professor Barata, que não tinha sangue de barata, reagia exageradamente, deblaterando contra a turma, chamando-os de nomes incompreensíveis, como “sevandijas imundos”. O tempo passou e, agradecido, Cubas reverencia o velho mestre, reconhecendo, ainda que tardiamente, sua importância.

Isso foi no século XIX, e o desrespeito ao professor, para além de uma simples peraltice, como a relatada por Cubas, tem atingido, nos albores do século XXI, níveis alarmantes, situação em que os maiores prejudicados são, na verdade, os próprios alunos, com reflexos amplos na sociedade como um todo, a qual os receberá como profissionais mal-educados, no sentido mais amplo do termo, quem sabe vindo mesmo a exercer digníssimos cargos, inclusive como figurões nos píncaros da política, trazendo portanto um prejuízo incomensurável ao país: o destino do país entregue a mão de “sevandijas”, como diria o velho professor Barata.

Essa situação tem chegado, nos casos mais extremos, à violência física, como tem relatado a mídia ultimamente, episódios em que professores acabam tendo de deixar a sala de aula periodicamente, por meio de licenças médicas e, como último recurso, deixam a docência definitivamente, já que outro grande desestímulo que enfrentam, em certas esferas da administração (a pública estadual e municipal, por exemplo), é o salário incompatível com suas necessidades mais básicas, consumido pela inflação. Os professores mais dedicados esperariam receber, ao menos, algum reconhecimento pela profissão exercida praticamente como sacerdócio, a exemplo do velho Barata. Mas, se nem o reconhecimento amplo da sociedade, como é o caso, por exemplo, na Coreia do Sul, o professor brasileiro merece, impõe-se a pergunta: quais as perspectivas para o futuro?

No atual modelo em que o Brasil é gerido politicamente, cabe ao Estado garantir que a escola cumpra sua função minimamente bem, para ganho da própria sociedade, mas o que vemos é uma situação em que os próprios governantes não usam as instituições públicas que eles mesmos governam, preferindo as da iniciativa privada (como então eles conheceriam a realidade vivida por aqueles que delas dependem?), de maneira que tudo que é público parece ser oferecido aos cidadãos (ou ao “povo”) como favor (a cavalo dado não se olham os dentes), salvo louváveis exceções. O que se cumpre fazer, a nosso ver, é a revalorização do trabalho docente, mudando também uma arraigada cultura de desrespeito, que começa em casa. Se a educação, em vez de investimento necessário, é vista pelo Estado como gasto, imaginemos o preço que teremos que pagar (se é que já não o estamos pagando) pela ignorância.